

The background of the poster is a vast, snowy landscape under a pale, overcast sky. In the foreground, two figures are seen from behind, walking away from the viewer across the snow. They are dressed in heavy winter gear, including jackets and backpacks. In the middle ground, to the left, a large, dark, multi-masted sailing ship is partially visible, seemingly stuck in the snow or ice. The overall atmosphere is cold and desolate. The title 'INVERNO SEM FIM' is written in large, bold, blue letters with a sparkling, crystalline texture, slanted upwards from left to right. The word 'ROMANCE' is written in a smaller, plain blue font below the title. At the bottom, the author's name 'CARLOS MENESES-OLIVEIRA' is written in a bold, blue, sans-serif font.

# INVERNO SEM FIM

ROMANCE

CARLOS MENESES-OLIVEIRA

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Inverno Sem Fim  
*(O Colecionador de Pessoas)*

Carlos Meneses-Oliveira  
1ª Edição Novembro 2015

Língua:

***Português***

Edição:

***Brasil***

Copy rights:

**Escrito e Reg. 2014**

Design da capa por *Damonza.com*

Modelo da Base de Inverno de *Herminio Nieves @ 2013*

**1ª Parte**

**Fuga**

## Capítulo 1

### Incidente no Beco

Nevara nesse fim de tarde escura como só acontece talvez de quatro em quatro décadas em Lisboa. Estava frio, muito frio, mas a baixa temperatura não o incomodava. Andava sempre de camiseta preta ou cinza escura, mesmo após a chegada do inverno e até o banho ele tomava gelado todo o ano. Se a civilização entrasse em colapso como o seu pai anunciava, ele sobreviveria ou pelo menos sobreviveria ao frio. Mas não só se tinha posto o inverno e uma prematura noite naquele dia, como a atmosfera úmida era tão densa que ameaçava deixar de ser um gás a qualquer instante. O seu coração batia contra as costelas e os seus pulmões sorviam todo o ar como se o oxigênio fosse desaparecer. Ofegante como uma presa ou ofegante como um predador? A pergunta voltava, como a rima intrusa de uma música que não parte.

Lucas Zuriaga não era um rapaz como os outros. Com vinte anos parecia não ter mais de dezesseis. Era de estatura média, mas parecia mais alto, musculoso e limpo. O cabelo era castanho muito escuro, levemente ondulado e as sobrancelhas pouco densas sobre a pele branca, testemunho da ascendência celta. Para lá do buço quase não se via barba e tinha um sorriso de criança. Evitava sorrir por causa disso.

Batera o recorde nacional de velocidade aos quinze anos, altura em que tinha descoberto a natação e abandonado a corrida, para desgosto dos seus pais e do seu treinador que o profetizava como campeão do mundo. A corrida pareceu-lhe uma coisa em que a simplicidade exagerava. Eram interessantes as corridas de animais. De galgos, de cavalos, de pombos. Não as de pessoas. Aos dezessete eram seus os melhores tempos no país em vários estilos de natação. O único problema é que aquilo era uma coisa técnica, sim, mas repetitiva e, pior, o competidor não podia interferir na sua prestação. Um atleta não era verdadeiramente posto à prova por outro. Era ouro sem glória. Nessa altura

decidiu que a sua vocação eram as artes marciais e colocou o cinturão branco, voltando a começar do zero. Progrediu depressa pois era rápido, muito rápido. Balístico. Tinha a antevisão dos movimentos do adversário que, aos seus olhos, eram penosamente lentos. Nunca mais correu e nunca mais nadou.

Olhou uma última vez para o gigante caído na escada como um trapo. Terminada a batalha, Lucas saía desse mundo onírico de paixão guerreira, em que mais depressa se acredita em míticos animais ostentando fogo do que em qualquer réstia de humano arrependimento pela excessiva força. O frio que transformava em vapor a sua respiração, cercava-o agora mais de perto e o vulcão que despertara no seu peito, abrandava. Percorreu as fachadas que davam para o pequeno pátio lisboeta e todas as janelas tinham anoitecido. Só o banheiro público que reluzia de novo no lugar errado, uma peça de mobília avant garde numa favela do Rio, o inquietava como se o mirasse qual testemunha intrometida. *“Que fazia ali aquele trailer sem rodas num beco onde não passa ninguém?”*

Lucas não gostava de perder. Não sabia o que fazer com o fracasso, onde o arrumar dentro de si. Morria com a derrota e era por instinto de sobrevivência que procurava a vitória a qualquer preço. Sim, devia ser isso. Não buscava dinheiro, medalhas ou louvores, mas apenas não perder. Havia, é certo, um sonho pintado ao fundo, uma aspiração futura, mas não era isso que o instigava o fervor. E naquele dia, eliminado por pontos dentro do ringue, derrubado por um adversário que era o seu peso em dobro, foi no calor que Lucas Zuriaga se precipitou para a tragédia que o perseguia, nos poucos casos em que o vencedor não era ele: No fim do torneio transformou o que fora uma luta com regras marciais, justas ou não, numa luta de rua. Aí valia tudo e aí vencia sempre. Ouviu nessa altura ruído vindo do ginásio e saiu dali. Enquanto deixava para trás o pequeno caos, lembrou-se das palavras escarlates escritas pelo seu falecido pai nas margens do livro que imortalizara Grendel e elas soltaram-se do papel como se fosse possível, como se estivessem vivas; primeiro rodopiando quais borboletas insensatas entre as imagens de perseguição e captura que retinha das sortidas de caça ao javali, mas depois dirigiram-se no seu encalce como um enxame de vespas, como uma debandada noturna de touros à desfilada em campos de milho alto. *“Guerra”*, repetiu em silêncio, tentando enxaguar de si a maldição.

*“Ao contrário do que julgam os simples, mais do que a arte, o fogo, a agricultura ou a fala, é a guerra que nos distingue dos animais, é a guerra que funda a humanidade”*, escrevera o seu pai biológico.

Se de início os seus pés foram firmes e exatos na calçada escorregadia, à medida que o fim da ruela escura era anunciado pela luz, desordenavam-se, precipitando-se, não para a salvação da rua grande, movimentada e certa, mas para a salvação de um dia branco como neve a estrear de novo. Mas a áspera película gelada derreteria negra em todo o lado e o ar cortante não travava os fios de suor que lhe ardiam nos olhos, testemunhando, como a mudança nos seus passos, a dor que vinha, impostora, anoiecer a felicidade da vitória.

*“Porquê?”* quase soletrava, como se perguntasse alguma coisa, como se não tivesse dependido de si o que nunca dependeu de mais ninguém. *“Outra vitória destas e estou perdido”*, iludia-se o pequeno Pirro. *“Lembra que é só um jogo. Um simples jogo, percebe? Desta vez correm contigo e desta vez é justo.”*

Os mil sois da rua grande projetavam-se na foz do beco que ali desaguava a fina e gélida água turva, como holofotes num palco, preparando-se para lhe devolver a sua sombra e para o expurgar da assombração. *“Mas que o indivíduo mereceu, mereceu. Justo qual justo. Estava a pedir, o cornó”*. Em cissiparidade a sua alma retrocedia como um pêndulo, com tal fúria que a maré jugular lhe devorava o rosto juvenil, entardecendo-lhe a inocência.

*“O elefântão engasgado de alegria, direito ao touro enraivecido”*, recordou. *“Que mérito tem quem é grande? Que valor tem o que não se alcança no suor do treino das horas atrás das horas?”* Primeiro tinha-o travado, desferindo-lhe cem murros, inquebrantável, quase o tombando aos seus pés; ajoelhado pela velocidade, pela destreza, pela sua fibra próxima do furor epilético, mas depois, instruído pelo mestre, o gigante voltou com outro intento: o do abraço da anaconda.

Lucas perdeu por pontos, no tapete, sem que os juizes lhe dessem uma segunda chance. Nunca dão. Mas o melhor trapezista com rede, não é o mesmo homem que o melhor sem essa guarda.



- Ha, ha, ha, riu quase em voz alta. A cara de espanto do cretino, quando me viu entrar no vestiário, depois do combate, e percebeu que continuava no arame e já não havia nem árbitro, nem rede que amparasse a sua queda.

Ainda que o mestre pudesse censurá-lo que outro caminho lhe sobrava? “É só um jogo? Custam-me as regras? Porque veio, então, ele de peito feito? Não é um jogo”. Ali julgava-se quem era o mais duro, o mais resiliente, o mais forte. E ele foi o mais forte, se não no ringue octogonal, armadilhado por mil normas e vigiado por mil juizes, pelo menos o foi na calçada polida e úmida do beco que encostava as suas margens na traseira do ginásio.

Maldito filme. O mesmo argumento no mesmo cenário. “No fim do primeiro assalto estão quebrados, mas são salvos pelo gongo. A seguir é aquela cena pegajosa do agarrar, do wrestling. Detesto esse baile, mas estou condenado a aprendê-lo”. Só tinha uma alternativa: nunca deixar que o agarrassem, como fizera na ruela contra o gorila. “A verdade, é que dou a intenção de me apanharem como certa e quando se aproximam reduzo-os a granizo com golpes, sem recuar do meu posto de combate”. Via-se a si mesmo, no ringue, como a derradeira comporta de aço contra a qual se desfaria em espuma o tsunami que viesse. “Nunca estive para fugir, esvoaçando de um lado para o outro como uma galinha”. Talvez pudesse ceder aí.

Quando saiu do beco deu de caras com o Tomás. Levou um momento para reconhecê-lo, porque a luz do primeiro candeeiro ofuscou-o. Estava torto e apontava direitinho à viela. Ou se vinha a olhar para baixo ou o forte néon intermitente dava-nos de frente nos olhos. Tomás Sequeira, o seu amigo, era um rapaz simples.

- Então, Lucas? Não pude aparecer, como foi?

- Tenho de aprender wrestling. É o meu ponto fraco, respondeu-lhe o novo Aquiles, continuando a marcha, que agora seguia ao longo do passeio de calçada branca portuguesa que tanto valorizava as lojas ainda abertas, cruzando transeuntes agasalhados, muitos deles transportando sacos coloridos com presentes de Natal. Tomás aderiu ao seu passo.

- Não me diga que levou na cara? Não acredito. Não era aquele autista do Silva, de Almada?

- Não, não era. Para que saiba, saiu-me o gigante do Quiroga.

- Porra, esse indivíduo não existe. É um animal – confirma o Tomás. Mas está bem?

- A duzentos por cento. Dei-lhe vinte ou trinta aporrinhações contra nada. Zero. Nem me tocou. Mas depois do intervalo o mestre mandou-o me agarrar. Ele apanhou-me por trás. Tenho de aprender a lutar agarrado, é o meu ponto fraco, repetiu. Não há cena mais triste, mas tem de ser, senão não vou a lado nenhum.

Ainda sentia as mãos mornas e pegajosas do Quiroga a agarrá-lo, com aqueles dedos indefinidos como se não tivessem unhas; sentia o bafo úmido da respiração do *troll* no seu pescoço, a vibração gutural do seu grito informe que ofendia a masculinidade marcial de um *kiai*, enquanto caíam os dois no tapete. Ambos, o abalo do ronco do gigante e a lâmina do *kiai* do karateca, seriam assustadores, mas um era animal e só o outro humano. “*Ora os animais não caçam homens, ou não será?*” Persistia o calor suado do Quiroga, o seu enlace de sucuri e aquele peso. E o sorriso de dentes sangrados, mas sorrindo, retornando do conselho que o mestre lhe segredou, “*Agarra-o*”, num murmúrio sussurado sem altura que chegasse para que o Lucas o ouvisse, mas desenhado com largueza que bastasse para que qualquer um o lesse nos seus lábios. “*Agarra-o*”. E, depois, o sorriso com que, já apitada a derrota, ele se deixou estar sem respeito, fazendo-se de peso morto sobre si, a fingir-se de pisa papéis, esperando que o juiz o mandasse sair de cima do Lucas. Como se fosse ele, o cinturão negro, quem precisava da ajuda de um árbitro. “*Que asco. Porque é que não sorrira então no vestiário? Porque não o agarrara no beco, na hora da verdade?*”

- Mas como é que o mestre deu para você o Quiroga? O tipo não é do teu peso, perguntou o Tomás.

- Não sei. Deve ter sido para me castigar por causa da história do mês passado.

- Ha, ha! Passa e eles não perdoam – conclui o Tomás.

- Eles, não. O mestre. Não está do meu lado.

- Mentira. Se ele não padecesse de você já era, depois do barraco que deu no último campeonato. Deram a prata para você, mas mesmo assim salta para o ringue e manda ver no vencedor que tinha eliminado você por penalização,

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

